

Entre o preconceito e a permanência: A imigração Árabe em Santa Catarina

Entre el prejuicio y la permanencia: la inmigración árabe en Santa Catarina

Theyllor Menezes de Sousa¹

Resumo: A imigração árabe no Brasil teve início em 1870, no contexto de uma política de branqueamento por parte do Estado, que favorecia a chegada de imigrantes da Europa Ocidental. Em Santa Catarina, um dos estados mais beneficiados por esse projeto, os árabes enfrentaram preconceitos e estigmas impostos pelas classes mais abastadas do estado. O artigo objetiva discutir essas identidades e a visão da elite catarinense diante dos primeiros imigrantes árabes, com base em jornais históricos e apoio em bibliografia especializada. Consta-se que os estereótipos enfrentados constituíram um dos pilares na construção da identidade desses imigrantes árabes em Santa Catarina.

Palavras-chave: Imigração; Identidades; Jornais.

Resumen: La inmigración árabe en Brasil empezó en 1870, en el contexto de políticas de blanqueamiento por parte del Estado, que favorecía la inmigración de Europa Occidental. En Santa Catarina, uno de los estados beneficiados por este proyecto, los árabes enfrentaron prejuicios y estigmas por las clases más acomodadas. El artículo tiene como objetivo discutir estas identidades y la visión de la élite frente a los primeros inmigrantes árabes, con base en periódicos históricos y en bibliografía. Se constata que los estereotipos enfrentados constituyeron uno de los pilares en la construcción de la identidad de estos inmigrantes árabes en Santa Catarina.

Palabras-clave: Inmigración; Identidades; Periódicos.

1. Introdução

O artigo a seguir pretende muito brevemente entender como se deram algumas identidades dos primeiros imigrantes árabes no estado de Santa Catarina, mais precisamente entre os anos 1870 e 1910.

Dito isso, o referido artigo se enquadrará nos estudos das migrações brasileiras, ainda muito colonizadas pelos estudos europeus nos meios acadêmicos, principalmente se tratando do estado de Santa Catarina. Para tal, o artigo em questão tentará, mais ou menos de forma introdutória, romper com essa questão e colocar as migrações árabes no centro do estudo para então analisar os discursos acerca dessas pessoas em um dos primeiros jornais republicanos em solo catarinense. Note-se que, se tratando de um trabalho de caráter introdutório, foram

¹ Graduando em História na Universidade Federal de Santa Catarina, theyllor147@gmail.com.

necessárias escolhas, portanto uma dessas escolhas foi pelo número reduzido de fontes apresentadas aqui, já que o espaço não comportava condições para amplas análises discursivas.

Se utilizará, portanto, bibliografia especializada em livros, artigos, dissertações e outros periódicos importantes, com o intuito primeiro de aferir como ocorreram essas primeiras imigrações, para então partir para a análise das fontes escolhidas e entender como se dão essas identidades árabes nos primeiros anos da república. Autores como Liliane Edira Ferreira Carvalho e Oswaldo Truzzi serão amplamente utilizados para desenvolver o tema. No caso das fontes aqui escolhidas, temos que lembrar que se tratam de jornais históricos, do final do séc.XIX, portanto o nível de conservação não é o ideal, por este motivo optou-se pela utilização, em alguns casos, do método de citação à inserção da imagem, única e simplesmente porque o trecho de jornal analisado não estava em condições adequadas para a leitura.

Há nível de introdução e informação, foram utilizadas as “sugestões práticas” de estudo de jornais proposto por Luca (2005, p.142) contido no capítulo “História dos, nos e por meio dos periódicos”, capítulo este que está presente no livro *Fontes Históricas*, organizado por Pinsky (2005). Neste capítulo, Luca (2005) procura compreender como a História e os historiadores lidam e lidaram com a fonte jornalística através das diversas épocas historiográficas para então propor uma forma de estudá-las hoje. Não será, portanto, referenciada tal obra no decorrer do texto, pois o que se utilizou foi o esquema descrito pela autora para realizar este estudo.

2. A imigração, o dever e a família

O final do Séc.XIX viu uma grande leva de imigração árabe para os países das Américas. Algumas razões mais ou menos interligadas parecem apontar para essas migrações. Provenientes de países como o Líbano e a Síria, os primeiros imigrantes árabes vinham para o Brasil com o intuito de prosperar economicamente ou fugir dos seus países natais. Segundo Safady (1972, p.78), entraram de forma oficial no Brasil 79.509 sírios e libaneses nesse período (apud CARVALHO, 2002, p.27).

A primeira razão que parece importante salientar é que a Síria e o Líbano, junto com a Palestina, haviam sido dominados ambos pelo Império Otomano² ainda no século XVI, quando

² Segundo Ducellier (1994, p.307), os Turcos-Otomanos são originários de outro grupo turco, os Seljúcidas, que migraram da Ásia Menor até a Anatólia. Já Hourani (2006, p.285-287) explica que o Império Turco-Otomano cobriu uma grande massa de terras, seu nome é derivado do nome do fundador da Dinastia, ‘Uthman, ou Osman, além de reunir muitos grupos de tradições políticas, grupos étnicos e comunidades religiosas muito diferentes sob o mesmo Império.

da posterior conquista de Constantinopla em 1453 e só se viram livres deste domínio após a Primeira Guerra Mundial, com a fragmentação da região pelas potências europeias. Os primeiros imigrantes dessa região chegaram no país no terceiro quarto do século XIX, em um contexto de declínio do Império Otomano. Carvalho (2002) aponta que esses pioneiros vindos desses países, ainda sob o domínio do decadente Império Otomano, tiveram seus vistos de imigrantes emitidos pelo governo turco, fazendo com que a grande maioria fosse genericamente identificado como Turco ao invés de sua nacionalidade de origem. A maioria desses imigrantes eram árabes cristãos, e em um primeiro momento estavam fugindo de perseguições do Império Turco-Otomano, sobretudo de orientação islâmica³. Ela salienta que no início do século XX a imigração teve um *boom*, pois o Império havia posto em prática uma política de alistamento militar compulsória aos cristãos para fortalecer as fileiras de seu exército que já não tinha mais a força de outrora.

Arelado ao fator político religioso, outra das principais razões que fazia com que milhares de árabes emigrassem dos seus países natais era de caráter econômico. Nos seus países de origem essas pessoas ganhavam a vida no campo, o que não sanava as suas necessidades econômicas, pois o trabalho no campo se demonstrava um desafio, já que o solo do qual retiravam seu sustento era semidesértico e pobre (TRUZZI, 2000, p.317). As cidades nesse momento se mostravam *largadas à própria sorte*, já que o Império Otomano, em face de sua iminente derrocada via esses lugares ao longe dentro das suas terras como algo a mais pelo qual gastar recursos, portanto essas pequenas cidades são obrigadas a desenvolver uma economia de subsistência autossuficientes, com quase nenhum contato entre elas em função da dificuldade dos transportes, além de uma centralização forte dos poderes nas mãos de poucas famílias antigas e/ou ricas (CARVALHO, 2002, p.27-28). A depressão econômica e o desenvolvimento dos meios de transporte ocasionada pela abertura do Canal de Suez em 1869 (SALAWDEH, 1997, p.15) junto com o crescimento demográfico das cidades e a industrialização dos modos de trabalho a pleno vapor fazia com que muitos jovens não tivessem perspectiva de futuro. Tudo isso, somado aos exemplos de imigrantes aventureiros bem-sucedidos que fizeram fortuna em países estrangeiros, fazia com que a imigração se apresentasse como uma grande chance para os mais jovens suprirem suas atribulações

³ Se apresenta com natural importância fazer uma distinção de termos nesse momento. Nem todo árabe é islâmico, nem todo islâmico é árabe. O islã é a religião depreendida da revelação de Maomé (*Muhammed*), revelação esta que foi toda escrita em língua árabe no seu livro sagrado, o Alcorão. Os seguidores dessa religião são islâmicos (ou muçulmanos). O Árabe é a língua da Arábia, compreendendo outros países islamizados também, mas não todos. Portanto a língua árabe tem forte ligação com o Islamismo, mas uma coisa não se confunde com a outra. A nível de exemplificação, o Irã atualmente é um país islâmico, mas sua língua é o Farsi (Persa) (IRÃ, 2023).

econômicas e da sua família, pois é importante salientar que esses árabes imigrantes desejavam imigrar para fazer dinheiro e retornar a sua pátria com dinheiro suficiente para conseguir a compra de novas terras (TRUZZI, 2000, p.316).

Há de se perceber que o núcleo familiar se demonstrava importante. As famílias tinham sólidas bases para manter a casa e os afazeres em lugar desses membros que iriam imigrar. A imigração árabe nesse momento se mostra como um empreendimento familiar. Os árabes que iam, desejavam voltar ora para se casarem com conterrâneas, ora para comprarem novas terras em solo nacional (TRUZZI, 2000, p.318). Segundo Truzzi (2000, p.318), a imigração de sírio-libaneses atingiu seu auge no pré-guerra, tendo 11.101 entradas de árabes no país. Já no período pós primeira guerra que a mentalidade desses imigrantes mudou, o que se viu foi um movimento de retorno ao país emigrado, ou por as possibilidades financeiras no Brasil serem expressivamente maiores do que na Síria e no Líbano, ou por seus negócios a muito já terem prosperado, as pessoas iam para casa e retornavam com suas famílias e se fixavam no Brasil (SALAWDEH, 1997, p.18; TRUZZI, 2000, p.322). Knowlton (1961, p.29-30) nos apresenta a um testemunho de um presbítero desse momento de efervescência da imigração síria e libanesa:

A febre migratória não apresenta indícios de diminuir. Chegou a tornar-se uma mania. Tirou das nossas igrejas alguns de seus membros mais úteis; muitos dos professores dão sinais de inquietude. Um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de 300 ou 400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos. (apud TRUZZI, 2000, p.317)

Sendo originalmente de países agrários, a vinda para o Brasil fazia com que essas pessoas procurassem o trabalho no campo, mas a verdade é que a agricultura no Brasil era radicalmente diferente da agricultura da Síria e do Líbano. Segundo Berger (1959, p.354) e Hajjar (1985, p.144) a agricultura sírio-libanesa era constituída em sua maioria do plantio de cereais, árvores frutíferas, oliveiras e vinhedos, e o campo envolvia toda a família, já que os lotes de terra eram menores (apud SALAWDEH, 1997, p.20-21). Já no Brasil, segundo Truzzi (2000, p.320), a agricultura era voltada para as grandes lavouras, o que dificultaria em muito o alcance do objetivo inicial de enriquecimento rápido e retorno cedo para a pátria, visto que esses imigrantes que vieram com pouco ou quase nada de capital teriam de se fixar e levaria em torno de uma ou duas gerações para de fato conseguirem ter acesso a algum tipo de propriedade rural.

3. Identidades difamadas, identidades tomadas

Como esses imigrantes eram solteiros e com o objetivo inicial de fazer dinheiro e retornar à pátria, a mascateação se mostrou um empreendimento muito satisfatório para eles. Era um ramo de trabalho solitário, que necessitava única e exclusivamente do trabalho árduo de quem o fizesse com um retorno rápido (TRUZZI, 2000, p.321). E fato é que a mascateação se tornou símbolo desses árabes que implantaram uma forma diferente do habitual para se trabalhar, um jeito próprio, que não era bem-visto por todos, o que acabava resultando em exageros orientalistas⁴ por parte da grande maioria intelectual do país:

Mais tarde deu-se a invasão dos árabes, sírios, libaneses na sua maioria, eram conhecidos apenas por “turcos”, falando um patuá tremendo, e faziam o negócio à maneira oriental, à levantina, com muitas negaças, ameaçando fazer retiradas mas, voltando, discutindo o valor das mercadorias e as pechincharias dos compradores, pedindo os olhos da cara para, depois, ir abatendo, aos poucos, até chegar, quando o freguês era duro de molas, ao preço que desejavam obter, afinal, com tãda a encenação própria dos bazares do Oriente, onde, quem paga o preço pedido sem regatear, sem desfazer da mercadoria, sem discutir, sem pechinchar, é mal visto, não passa de um imbecil, de um americano sem educação, pois o negócio não é apenas vender, mas estabelecer comunicação social, mostrar inteligência, habilidade, estratégia. (...) E faziam isto quantas vêzes fôsse preciso, praguejando na sua língua, entre dentes, pois ninguém entendia... Com o sortimento no lombo, andavam o dia inteiro e, chamados, entravam nas casas para fazer as vendas. “Forte como um turco” deve ter vindo daí, de carregar tãda a muamba, das sete da manhã às sete da noite, andando a matraquear pelas ruas, tendo comido apenas uma cebola e um pedaço de pão, o que era sopa — era preciso ter resistência, fôrça e paciência
Com o tempo, êstes nômades se fixaram — e o resto a gente sabe. Tomaram conta... (CABRAL, 1979, p.341)

Cabral (1979) é um dos intelectuais que discute a fixação dos imigrantes árabes no estado de Santa Catarina. Existe forte caráter orientalista no seu discurso, que estereotipa árabes e o Oriente como um todo, sem levar em consideração suas premissas e pormenores, além de agressivamente relacionar a fixação no estado com “Tomaram conta...” (CABRAL, 1979, p.341). Para além da forma agressiva e impaciente, ao menos ele mostra que o trabalho feito pelos mascates árabes era bem-visto pela comunidade, que os chamavam para fazer negócios com eles em suas casas, além do apontamento feito pela forma como as compras eram feitas, ao *pechinchar*, era criado uma espécie de vínculo entre o vendedor e o comprador, estabelecendo uma “comunicação social” entre eles.

⁴ Orientalismo é um termo cunhado por Edward W. Said (2007), onde ele aponta como o estudo do Oriente é uma construção ocidental para se consolidar, legitimando sua posição hierarquicamente. Isso acarreta também em problemas políticos pois não se concentra apenas na Academia, já que também é uma construção ideológica. Disso emana todo o discurso político de exotismo e estranheza para com esse “Oriente Maravilhoso” que em muitos casos são preconceitos mascarados.

Piazza e Hubener, em seu livro *Santa Catarina: História da Gente* (2003, p.130), refletem muito brevemente sobre outras características desses árabes que se fixaram em Santa Catarina, “Trouxeram a força da tradição humanista do libanês, baseado no ensino do inglês e francês em sua pátria.” É interessante notar a diferença entre um autor e outro. Enquanto Cabral (1979) em sua obra clássica dos estudos de Santa Catarina, que vale lembrar, foi originalmente publicada em quatro volumes em 1971, pela Imprensa Universitária (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, 2023), está interessado em mostrar o que chama, sem rodeios, de “encenação” nos negócios dos Árabes imigrantes, Piazza e Hubener em trabalho mais recente sobre Santa Catarina, mesmo que brevemente, se interessam por mostrar outro atributo de igual fascínio desses imigrantes, o que chamam de “força humanista”.

Em Santa Catarina, assim como em âmbito nacional, os sírios e libaneses se instalaram nos centros urbanos, mas comercializavam com a parte rural do estado (CARVALHO, 2002, p.52). Segundo Piazza e Hubener:

Instalou-se nas zonas portuárias de São Francisco do Sul, Porto Belo, Tijucas, Florianópolis, Itajaí, Laguna, em anteportos como Joinville. Espalharam-se também ao longo de ferrovias em Blumenau, Jaraguá do Sul, Mafra, Porto União, Caçador, Canoinhas, Tubarão, Criciúma, Araranguá, e outras cidades. (2003, p.130).

Eles levavam consigo tudo que conseguiam aguentar carregar para as suas vendas diárias. De acordo com Cabral:

Carregavam, às costas, várias peças de tecido numa armação de madeira, suspensa por tirantes de couro. Numa das mãos, um baú, com as miudezas - brincos, colares, espelhos, anéis, água de cheiro, pentes e travessas para o cabelo, grampos e fitas, gregas, cadarços, atilhos para sapato e para espartilho, brinquedos, brilhantina, tesourinhas, pedras-pomes - sei mais lá o quê!... - uma infinidade de coisas que só para arrumar dariam um trabalho enorme, a fim de que nenhum espaço fôsse perdido. (1979, p.341)

Cabral não é o único que não sentia simpatia pelos árabes imigrantes. Em uma publicação no jornal “A República”, é publicada uma crônica intitulada “Crônica Fluminense”, originalmente publicada no periódico “Diário Popular” de São Paulo, onde nessa crônica é descrita um encontro do “Consul da Turquia”, Sr. Othon Leonardos Filho, em que foi oferecida à autoridade um jantar em nome de negociantes Sírios do Rio de Janeiro, com muitos discursos em muitas línguas diferentes. É descrito que há discursos em francês, inglês e português, às vezes até misturando uns aos outros. Em certa altura é dito que não se falou apenas a língua Turca, pois “á exceção dos sírios, ninguém mais a entenderia” (DUARTE, 1900, p.1). Essa afirmação é seguida de uma cena imaginada pelo interlocutor:

Levanta-se um conviva syrio, de taça em punho, e pronuncia na sua língua um discurso em que ferra pavorosa descompostura no Brazil e nos brasileiros. Os que não compreendem o turco, exclamam ao fim de cada período: Bravo ! Muito bem !

O orador syrio continúa:

-Saúdo este país de macacos e bananas, representado nesta festa por aquelles jornalistas de meia tigella que ali vemos...

Ao dizer isso, olha ternamente para o grupo dos representantes da imprensa.

Todos: Hurra !!!

Um repórter pede a um comensal turco para lhe dar o resumo do brinde. O interprete diz que o orador saudou o paiz maravilhoso da America do Sul, que brindou á sua imprensa ilustrada e independente, e a povo nobre e hospitaleiro em cujo seio os estrangeiros encontram carinhoso agasalho. (DUARTE, 1900, p.1)

A crônica continua, e usando de mais troça da língua árabe. Fica claro logo no início, quando o autor nomeia o Cônsul “Turco”, que se trata de um conteúdo humorístico, já que o Cônsul em questão é na verdade Consul Grego (BRASIL, 1899, p. 445), e o autor não se deu ao trabalho de se informar, levando em consideração apenas a rixa histórica dos dois povos. Além disso, o autor, Urbano Duarte, trata-se de um conhecido cronista e humorista que frequentemente postava suas crônicas em periódicos cariocas da época.

Mas há uma questão em destaque, porque uma crônica que faz troça e avilta a língua de um povo que foi publicada em um periódico paulista, foi republicada em um periódico catarinense?⁵ Há um discurso difamatório em ação, a troça e falta de informação do cronista se baseia em discursos carregados de preconceitos para falar de uma nação e de pessoas que á ele são desconhecidos. Trechos como “Ao dizer isso, olha ternamente para o grupo dos representantes da imprensa.” (DUARTE, 1900, p.1) reforçam o que Cabral (1979) chama de “encenação”, deixando claro para ambos os autores que esses árabes eram enganadores, além de ambos os autores também concordarem com o fato de que ninguém além deles mesmos compreendem sua língua, mesmo no meio de pessoas cultas, como no caso da crônica de Duarte. Mesmo assim, no mesmo periódico do qual é dito que não há ninguém além deles mesmos que entendem sua língua, há este trecho:

⁵ O Jornal “A República” se tratava de um periódico diário vespertino, que se autocalificava como *organ oficial* do partido republicano de Santa Catarina e surgiu dias após a Proclamação da República. (ALZEMI; BORSZCZ, 2020, p.66) Como a maioria dos periódicos desse momento da história do Brasil, “A República” era ligado a um partido e tinha forte influência de outros periódicos, como “A Federação” e o “A Província de São Paulo” do Rio Grande do Sul e São Paulo, respectivamente. (CORRÊA, 2009, p.144) Em sua estrutura contava com colunas de crítica, notícias locais/regionais, política, anúncios e correspondências.

Figura 1: Matéria em italiano

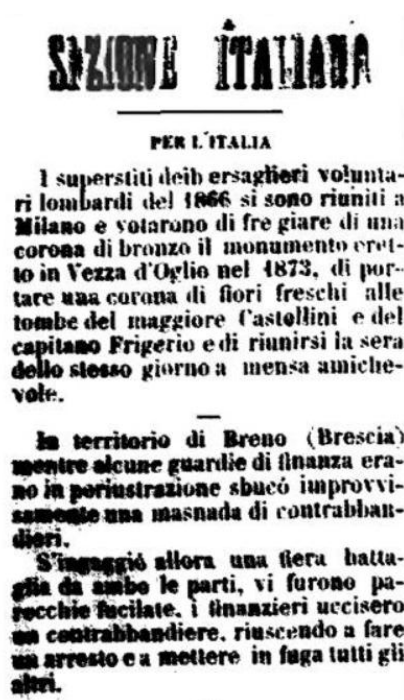


Foto: *A Repubblica*, ago. 1891, n. [516?], p.2.⁶

Neste início de República, a língua italiana e alemã aparecia em grande medida pelas cidades, já que estava em curso um projeto de imigração europeia para o país. Muitos imigrantes alemães, mas principalmente italianos, entraram em solo catarinense nesse momento. Essas pessoas eram agenciadas pelo governo e se fixavam em territórios ditos devolutos ao governo (PIAZZA; HUBENER, 2003, p.105-106). Por esse motivo era comum a circulação de periódicos com algumas manchetes totalmente em italiano ou em alemão, ou até periódicos totalmente voltados para esses imigrantes, totalmente em italiano ou alemão.⁷ O trecho destacado não tem qualquer informação importante para o artigo aqui descrito, mas é destacado pela hipocrisia do qual está escancarada a “crítica” do humorista para com a língua

⁶ “Estação italiana

Para a Itália

Os sobreviventes do voluntariado bersagliero da Lombardia de 1866 se reuniram em Milão e votaram para oferecer

uma coroa de bronze ao monumento erguido em Vezza d'Oglio em 1873, levar uma coroa de flores frescas aos túmulos do Major Castellini e do Capitão Frigerio e se encontrar na noite do mesmo dia para uma refeição amigável.

Na área de Breno (Brescia), enquanto alguns guardas fiscais estavam em patrulha, um bando de contrabandistas apareceu de repente.

Houve então uma batalha feroz de ambos os lados e houve confrontos paroquiais. Os guardas mataram um contrabandista, conseguiram fazer uma prisão e colocaram todos os outros em fuga.” (Tradução nossa).

⁷ Exemplos de jornais editados em línguas estrangeiras no estado são “*L'Operaio*” e “*La Frustra*” totalmente em italiano e “*Die Lesethle*” e “*Der Sudbrasliche Landwirt*” totalmente em alemão. (ALZEMI; BORSZCZ, 2020, p.94)

árabe. Na sociedade brasileira do final do século XIX, esse tipo de constatação é quase comum, levando em consideração que algumas migrações eram levadas a cabo pelo Estado brasileiro e outras não, notadamente a árabe.

Pesquisando jornais históricos de Santa Catarina é notório a falta de informações e citações aos árabes, sírios e libaneses que já residiam nesse estado. O trecho destacado é datado de 1900, cerca de 30 anos após a entrada do primeiro imigrante sírio-libanês no Brasil e é um dos poucos e primeiros trechos que fazem menção a eles. Outras menções são, na maioria das vezes, relatórios policiais de óbitos desses imigrantes ou relatórios de homicídios atribuídos a eles, mas também aparecem pontualmente menções a árabes ou a cultura árabe (religião, língua etc.) de forma pejorativa e sem qualquer compromisso.

A figura do Mascate é, então, evidenciada como o mito fundador de uma identidade, nele está representado tudo que há de melhor na visão dos árabes: força, coragem, sacrifício e esforço abarcava todas as identidades coletivas possíveis, religiosa ou regionalmente (TRUZZI, 2000, p.333-334). Carvalho em sua dissertação de mestrado (2002) analisa e entrevista vários descendentes de árabes vindos para o estado de Santa Catarina. Em sua maioria os que chegavam, mascateavam e depois abriam algum tipo de lojinha:

Sim, sim, que o primo viesse, seria uma alegria e uma satisfação recebê-lo, ter notícias dos parentes e da terrinha. Procurariam ajudá-lo, Santa Catarina, um Estado promissor, com boas possibilidades para quem quisesse trabalhar, aberto aos imigrantes, grande maioria de alemães, também muitos italianos, alguns árabes e gregos. Podia ficar na casa de um deles, examinar Florianópolis e municípios vizinhos, estudaria, a mudança, uma atividade à qual se adaptasse, o comum era, no início, mascaterar, depois o comércio. E onde não era? (CARVALHO, 2002, pg.55-56)

A mascateação então se torna a liga que une todas essas pessoas. A maioria dos que chegavam, por não terem subsídio, procuravam patrícios para iniciarem seus trabalhos, se hospedando nas casas desses patrícios ou de parentes para poder estudar a cidade, entender por onde começar e ir atrás de seu próprio sustento. (TRUZZI, 2019, p.3) As dificuldades passadas, seja aprendendo a língua, seja sendo maltratados como o foram ou se embrenhando por lugares que outros não queriam chegar, tornam esse um momento de virada para muitos autores, que tratam esses árabes que vieram para cá com pouco ou nada como “heróis (que) realizaram verdadeiras epopéias” (SAFADY, 1956, p. 24 apud OSMAN, 2009, p.10). A mascateação não era o trabalho ideal, mas era o possível, segundo Truzzi (entrevistado por QUEIROZ; GARCIA, 2025, p.22), os mascates já eram considerados como empresários de si mesmos pela lógica econômica que o Brasil vivia naquele momento. Não se pode, no entanto, dizer que

todos prosperaram e enriqueceram, mas como coloca Osman (2009, p.10-11), mesmo não tendo a prosperidade que os pioneiros prometeram, ainda assim era uma atividade muito lucrativa e aos moldes que eles precisavam no momento, dado a forma como chegavam, a limitação linguística e a falta de costume com a cultura brasileira. Por esses motivos, a mascateação toma forma de mito fundador dessa identidade levada a cabo pelos pioneiros e seus descendentes.

4. Considerações finais

A imigração árabe foi um movimento corajoso por parte dos primeiros árabes que vieram para cá sem ajuda estatal e perspectiva de sucesso. Mesmo muitos intelectuais utilizando de suas vozes para enxovalhar a persona desses imigrantes, eles veem esses momentos como definidores de uma identidade. Num momento em que o Brasil se via no meio de uma política de branqueamento, com políticas voltadas para a facilitação e ajuda na entrada de imigrantes europeus, ser árabe, ter emigrado espontaneamente e prosperado na nova terra, mostrava a força e o valor do seu trabalho duro, sendo assim, eram diferentes dos grupos financiados pelo Estado (CARVALHO, 2002, p.35). É grande a lista de sucessos que se encontram no Brasil e especificamente em Santa Catarina, sobretudo na política. Mesmo com uma predisposição para fazer parte do povo brasileiro, foram difamados e caluniados, mas tiraram suas principais identidades disso. Autores como Cabral não veem como a sociedade catarinense se beneficiou desta imigração. Há de se considerar a época, mas Cabral preferia ver pelo olhar do estereótipo.

Mesmo a comunidade se apresentando muito mais heterogênea hoje do que na época dos primeiros imigrantes, com muitos imigrantes vindos também da Palestina, mas também de diversas outras localidades do Oriente Médio, por diversos outros motivos, o “mito do mascate” continua fortemente evidenciado no meio da comunidade árabe de Santa Catarina, como “escudo” contra outras imigrações mais incentivadas no estado ou apenas como orgulho de uma vida justa, trabalhadora e incansável de seus ascendentes, mesmo que a maioria não tenha de fato nunca feito o trabalho de mascate, é natural para eles tratar do assunto (ESPÍNOLA, 2004, p.100).

Este pequeno artigo nos proporcionou um vislumbre claro da visão de uma elite intelectual do estado de Santa Catarina em determinados momentos do estado acerca dos primeiros imigrantes árabes e como esses estereótipos por parte dessa elite mudaram o pensamento desses imigrantes acerca de si mesmos. Mas também como essas elites intelectuais

mudaram seus discursos com o tempo, em determinados momentos falando dessas migrações em suas obras, mesmo que brevemente, de uma forma diferente, atribuindo características que em outros autores não foram identificadas em razão do preconceito e do estigma.

As fontes utilizadas nos deram um, ainda que pequeno, panorama de como eram vistos (e não vistos) esses Árabes no início da República por parte da imprensa catarinense que seguia a visão preconceituosa para com não-brancos do Estado brasileiro, privilegiando outros tipos de imigração em razão da cor da pele ou etnia dessas pessoas.

5. Fontes

DUARTE, Urbano. *Crônica Fluminense. A República*, Florianópolis, n. [112?], p. 1, 1 abr. 1900. Disponível em:

<<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=10897>>

SAZIONE ITALIANA. *A República*, Florianópolis, n. [516?], p. 2, 20 ago. 1891. Disponível em:

<<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=892319&hf=hemeroteca2.cultura.sc.gov.br&pagfis=1954>>

6. Referências

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Relatório do Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros ao Presidente da República, ano de 1899*. Brasília: FUNAG, 1899. Disponível em: https://www.funag.gov.br/chdd/images/Relatorios/Relatorio_1899.PDF. Acesso em: 28 jun. 2025.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CARVALHO, Liliane Edira Ferreira. **Do balcão á mesa: Imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na grande Florianópolis (1910-1950)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CORREIA, Amélia Siegel. IMPRENSA POLÍTICA E PENSAMENTO REPUBLICANO NO PARANÁ NO FINAL DO XIX. **Revista de Sociologia e Política**, [S. l.], v. 17, n. 32, 2009. DOI: 10.5380/rsp.v17i32.28602. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/28602>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DUCELLIER, Alain. **A Idade Média no Oriente: Bizâncio e o Islão: dos bárbaros aos Otomanos**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ESPINOLA, C. V. **O véu que (des)cobre: etnografia da comunidade árabe muçulmana em Florianópolis**. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 244 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102133>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

IRÃ. Embaixada da República Islâmica do Irã no Brasil. Cultura iraniana. Brasília, 10 de set. 2023. Disponível em: <https://brazil.mfa.gov.ir/pt/generalcategoryservices/11677/cultura-iraniana>. Acesso em: 28 jun. 2025.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

MACHADO, Alzemi; BORSZCZ, Iraci. A imprensa catarinense no século XIX: catálogo descritivo e ilustrado do acervo de jornais raros da Biblioteca Pública de Santa Catarina – Hemeroteca Digital Catarinense. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2020. Disponível em: https://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/A_Imprensa_Catarinense_ebook.pdf. Acesso em: 28 jun. 2025.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. Biografia Oswaldo Rodrigues Cabral. 2023. Disponível em: https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/765-Oswaldo_Rodrigues_Cabral. Acesso em: 29 de jun. 2025.

OSMAN, Samira Adel. Mascates Árabes em São Paulo: concentração urbana e inserção econômica. Cordis - Revista Eletrônica de História Social da Cidade, v. 1, p. 2, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/9524>>. Acesso em: 7 nov. 2025.

PIAZZA, Walter Fernando, HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Lunardelli, 1997.

QUEIROZ, Christina; GARCIA, L. A. M. Cartografias da imigração: Oswaldo Truzzi e a diáspora árabe no Brasil. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 16–28, 2025. DOI: 10.34024/bgp3pb82. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/20692>. Acesso em: 7 nov. 2025.

RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 1899, p. 445.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALAWDEH, Omar Khattab. **Manutenção e mudança da língua: um estudo da comunidade árabe em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. 92 f. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/128719>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

TRUZZI, Oswaldo. **Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista**. In: BORIS, Fausto (org). *Fazer a América*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000. p. 315-351.

TRUZZI, Oswaldo. Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 36, 2019. p. 1-27. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/article/view/1373>>. Acesso em: 7 nov. 2025.